

## Contributo para o estudo da Escala de Valores Humanos de Schwartz em professores

Manuel Granjo  
Francisco Peixoto

ISPA – Instituto Universitário, UIPCDE

### Resumo

*O presente estudo teve por objetivo o estudo das características psicométricas da Escala de Valores de Schwartz, no sentido de confirmar a sua adequação numa amostra de professores portugueses. Esta escala é uma versão reduzida do Portrait Values Scale (PVS) desenvolvido por Schwartz et al. (2001). É constituída por 21 itens, que refletem 10 valores motivacionais em quatro orientações fundamentais, organizadas em dois eixos conceptuais básicos: autotranscendência vs. autopromoção e abertura à mudança vs. valores de conservação. Numa primeira fase do estudo, participaram 201 professores de dois colégios particulares da zona de Lisboa e Vale do Tejo. A análise fatorial exploratória revelou um bom ajustamento à estrutura teórica (4 fatores, 49% da variância explicada). Na segunda fase, a análise fatorial confirmatória realizada sugere o ajustamento do modelo. Nesta fase, participaram no estudo 450 professores a lecionarem no ensino básico e secundário, em estabelecimentos de ensino do ensino particular e cooperativo, distribuídos pelo território nacional e ilha da Madeira.*

*Na consistência interna, para as quatro dimensões consideradas, obtiveram-se valores entre .73 e .80.*

*Nas análises realizadas a escala de valores de Schwartz revelou índices satisfatórios de validade fatorial e fiabilidade, sugerindo a adequação da sua utilização com professores portugueses.*

*Palavras-chave:* Contexto escolar, Escala de Valores, Validade fatorial, Fiabilidade.

### Abstract

*The aim of this research was to analyse the psychometric properties of the Schwartz's Values Scale in order to confirm its adequacy in a sample of Portuguese teachers. This scale is a short version of the Portrait Values Scale (PVS) developed by Schwartz et al. (2001) and is constituted by 21 items, which reflect 10 motivational values structured in four fundamental orientations, organized in two conceptual axes: self-transcendence vs. self-enhancement and openness to change vs. conservation values. In a first study, 201 teachers from two private schools in the region of Lisboa and Vale do Tejo participated as*

*subjects. An exploratory factor analysis showed a good fit to the theoretical structure (4 factors, 49% of variance explained). A second study, using Confirmatory Factor Analysis suggested a good fit of the model. 450 basic and secondary teachers from private schools from all around Portugal and Madeira island participated in this second study. Reliability for the four dimensions ranged from .73 to .80.*

*In the analyses carried out, the Schwartz's Values Scale showed adequate validity and reliability, suggesting to be an adequate instrument to use with teachers.*

*Key-words:* School context, Portrait Values Scale, Factorial validity, Reliability .

## **Introdução**

A presente investigação teve como principal objectivo contribuir para o estudo das propriedades psicométricas da Escala de Valores de Schwartz (2003) na população portuguesa.

### *O conceito de valor*

Os valores exercem profunda influência na vida de todas as pessoas, ao nível individual e social, constituindo-se um elemento essencial para a explicação do comportamento humano. Cory, Corey e Callahan (2003) referem que os valores envolvem crenças gerais sobre formas desejáveis e indesejáveis de comportamento, relacionados com objetivos ou finalidades. Na generalidade, as pessoas ao usarem o termo valores referem-se a algo semelhante a uma conceção do desejável que influencia tomadas de ação e a avaliação de acontecimentos. Deste modo, os valores poderão ser definidos como conceitos ou crenças acerca de comportamentos ou estados desejados que transcendem situações específicas, guiam, seleccionam e/ou avaliam o comportamento e os acontecimentos e são ordenados pela sua importância relativa (e.g. Allport, Philip, & Gardner, 1960; Levy & Guttman, 1974; Rokeach, 1973; Schwartz & Bilsky, 1987; Schwartz et al., 2012). Embora estas características se apliquem a todos valores não nos ajudam a distinguir uns valores de outros. A característica diferenciadora assenta no conteúdo motivacional dos valores, na medida em que estes são representações cognitivas de três necessidades humanas universais – as biológicas, sociais e institucionais, que expressam interesses individuais, coletivos, ou mistos (Shwartz, 1992, 1994, 2005). A partir de uma extensa revisão de literatura, Schwartz (2005) identifica cinco características dos valores humanos, expressas nos seguintes aspetos: (i) os valores são crenças; (ii) uma fonte motivacional – na medida em que se relacionam com fins desejáveis e com formas de comportamento; (iii) transcendem situações e ações específicas; (iv) são utilizados como critério de avaliação; e (v) podem ordenar-se pela sua importância relativa em relação a outros valores para formar um sistema de prioridades. De acordo com as características enunciadas, o autor define os valores como metas desejáveis e trans-situacionais, que variam em importância e que servem como princípios de vida de uma pessoa ou de outra entidade social.

### *A teoria motivacional de Schwartz*

A teoria motivacional de Shalom Schwartz remonta a 1992, quando o autor propõe uma reformulação da teoria dos valores humanos básicos de Rokeach (1973), sustentando-se em estudos realizados com mais de sessenta e quatro mil pessoas em sessenta e sete países e vários continentes. Esta reformulação da teoria de Rokeach constituiu um contributo significativo da psicologia na área do estudo aplicado dos valores, ao fornecer um referencial teórico fundamental identificando dez valores motivacionais básicos.

O modelo de valores humanos de Schwartz (1992, 1994) propõe uma organização circular de 10 tipos de valores motivacionais comuns aos indivíduos, qualquer que seja o seu contexto cultural, a saber: poder – estatuto social sobre pessoas e recursos; realização – êxito pessoal decorrente da demonstração de competência segundo critérios sociais; hedonismo – prazer e gratificação para si próprio; estimulação – entusiasmo, novidade e desafios vitais; autocentrção – independência de pensamento e de ação, criatividade, exploração; universalismo – compreensão, apreço, tolerância e proteção do bem-estar social e da natureza; benevolência – preservação e intensificação do bem-estar das pessoas com as quais estamos em contato pessoal frequente; tradição – respeito, compromisso e aceitação dos costumes e ideias culturalmente estabelecidas; conformidade – restrição das ações, inclinações e impulsos que possam prejudicar os outros e violar expectativas ou normas sociais; e segurança – harmonia e estabilidade da sociedade, das relações e de si mesmo (Schwartz, 1994; Schwartz et al., 2001). A importância atribuída a cada um destes valores constitui o sistema de prioridade de valores do indivíduo. Estes domínios motivacionais podem ser reconhecidos em diferentes culturas em que a diferença entre os indivíduos tem que ver apenas com o grau de importância atribuído a cada valor (Schwartz & Bilsky, 1990). Por sua vez, os valores motivacionais relacionam-se entre si de forma dinâmica. Sendo que as ações que procuram alcançar determinado valor podem estar em consonância ou em conflitualidade na procura de outro valor. A estrutura circular do modelo em que os dez valores motivacionais podem ser organizados para que sejam visíveis as relações de proximidade/complementaridade e oposição/antagonismo entre os valores (Figura 1). Ou melhor, os valores mais próximos entre si têm motivações subjacentes semelhantes e, por outro lado, os valores mais afastados na estrutura circular têm subjacentes motivações mais antagónicas (Schwartz, 1992, 1994).

Esta estrutura permite, por sua vez, organizar os dez valores motivacionais numa estrutura bidimensional composta por quatro orientações fundamentais que se organizam em duas dimensões/eixos conceptuais básicas/os e bipolares: um primeiro eixo que opõe *valores de autotranscendência* (universalismo, benevolência) a *valores de autopromoção* (poder e realização); e um segundo eixo que opõe *valores de abertura à mudança* (autocentrção, estimulação e hedonismo) a *valores de conservação* (tradição, conformismo e segurança).

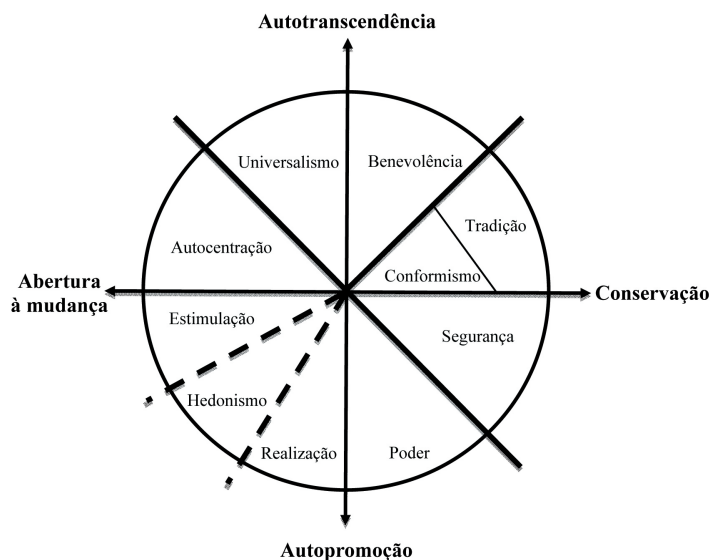


Figura 1. Modelo de Valores Humanos (adaptado de Vala, Torres, Ramos, & Lavado, 2010)

O primeiro eixo reflete o conflito entre a aceitação dos outros como iguais e a preocupação com o seu bem-estar *versus* a prossecução do sucesso individual e do domínio sobre os outros. O segundo eixo reflete o conflito entre o desejo de autonomia intelectual, liberdade de ação e orientação para a mudança *versus* a obediência, a preservação das práticas tradicionais e a proteção da estabilidade. Se cruzarmos estes dois eixos axiológicos de ordem superior com a classificação geral de valores humanos básicos, podemos dizer que o primeiro eixo diz respeito a Valores Éticos, e o segundo eixo remete para Valores Práticos – modos de estar e de agir nas diversas circunstâncias da vida. Convém referir, tal como esclarece Schwartz (2005), que os tipos motivacionais de valores adjacentes podem ser combinados em tipos motivacionais de ordem superior, que podem não coincidir com os identificados nas amostras estudadas pelo autor, dando aos investigadores a liberdade “de formar quaisquer tipos de ordem superior que se enquadre bem nos tópicos que estudam, desde que os tipos motivacionais sejam adjacentes” (p. 19). Por outro lado, o autor desaconselha a análise dos dez tipos de valores individualmente (Schwartz, 2003), sugerindo a análise dos dez valores motivacionais em estruturas bidimensionais, de forma a obterem-se dados potencialmente mais consistentes.

*Instrumentos de medida de valores utilizados com base no modelo de Schwartz (1992)*

Schwartz e Bilsky (1987, 1990), nos primeiros estudos, para investigarem as estruturas de valores utilizaram a escala de valores de Rokeach, 1973 (*Rokeach Value Survey – RVS*), a qual veio a revelar-se insuficiente dada a enorme diversidade de valores. Este facto levou Schwartz (1992) a criar um novo instrumento – a escala de valores de Schwartz (*Schwartz Value Survey – SVS*, 1992) – a partir da correção das limitações detetadas na *RVS* e de uma forma mais diferenciada de respostas para avaliar os valores individuais. Segundo Schwartz e Sagiv (1995), desde o início da década de noventa, o *SVS* foi utilizado num grande número de investigações internacionais, nas quais se verificaram os pressupostos da teoria de valores de Schwartz. Para analisar os dados foram utilizadas análises de escalonamento multidimensional não paramétrico (EMD), mais especificamente a técnica estatística *Similarity Structure Analysis (SSA)*. Num estudo utilizando Análise Fatorial Confirmatória, Schwartz e Boehnke (2004) com dois conjuntos de 23 amostras, de 27 países, confirmaram a estrutura de 10 valores relacionados entre si. Esta análise permitiu ainda fornecer algum suporte à ideia da agregação dos valores em estruturas bidimensionais.

O facto de o *SVS* exigir, por parte do participante, um nível razoável de abstracção, invalidou a sua utilização em amostras intelectualmente muito heterogéneas, o que levou Schwartz a desenvolver outra medida para estudar os valores – o perfil de valores de Schwartz (*Portrait Values Questionnaire – PVQ*) (Schwartz et al., 2001).

O Perfil de Valores de Schwartz (*PVQ*) é uma escala alternativa ao *SVS*. Foi desenvolvido para ser utilizado em crianças a partir dos 11 anos, idosos e pessoas com baixo nível de escolaridade, assim como, para verificar se a teoria de valores é válida independentemente do instrumento utilizado (Schwartz, 2006a,b, 2011).

O *PVQ* inclui descrições verbais de quarenta pessoas que abrangem os dez tipos motivacionais de Schwartz, indicando metas, aspirações ou desejos direccionados para a importância dos valores correspondentes (Schwartz, 2005; Schwartz et al., 2001). O sujeito deve responder à pergunta “Quanto esta pessoa se parece consigo?”, numa escala de 6 pontos (1 muito parecido comigo, 6 não se parece nada comigo) (e.g., item do valor poder – “Ele quer ter muito dinheiro e coisas caras”). Desta forma, os valores são medidos de forma indirecta, o que não acontecia com o *SVS*, que o fazia de forma directa. Ou seja, a partir da similaridade auto relatada com a pessoa descrita inferem-se os valores dos respondentes (Schwartz, 2011). O número de itens por perfil para cada valor é em média de três a seis, reflectindo a amplitude concetual dos dez valores de Schwartz. O resultado da importância de cada valor resulta da média aritmética dos itens que o constituem (Schwartz, 2006a).

Bilsky (2009) chama atenção para o facto da existência de várias versões do *PVQ*, sendo que as mais recentes são constituídas por 40 itens (a versão regular) e 21 itens (a versão reduzida).

De acordo com Schwartz (2011) e Bilsky (2009), as análises aos dados recolhidos com o *PVQ*, 40 itens, tem confirmado de forma razoável a estrutura da teoria de valores. Quando utilizadas análises de escalonamento multidimensional, os itens correspondem à ordem dos valores no espaço bidimensional, conforme a teoria de valores de Schwartz, em diversas culturas. Relativamente à consistência interna da escala, em 14 amostras de sete países, os *alfas* apresentaram valores médios de 0.68, variando entre 0.47 (para o valor tradição) e 0.80 (para o valor realização) (Schwartz, 2005).

A Escala de Valores Humanos, a qual é objeto de estudo nesta pesquisa, deriva de anteriores versões do *Portrait Values Questionnaire (PVQ)* (Schwartz, 2003; Schwartz et al., 2001) e é utilizada para avaliar/estudar o sistema de valores das pessoas, a partir das motivações humanas que promovem a satisfação de necessidades.

Esta escala tem sido utilizada na população portuguesa, no âmbito do projeto do estudo dos valores a nível europeu, *The European Survey Values* (Davidov, Schmidt, & Schwartz, 2008; Schwartz, 2011; Vala, Torres, & Ramos, 2006; Vala, Torres, Ramos, & Lavado, 2010) (Anexo 1).

A escala é constituída por 21 itens que descrevem preferências relacionadas com os valores, sendo pedido a cada pessoa que declare de que forma essas preferências coincidem com as suas (de 1=Não tem nada a ver comigo a 6=Exatamente como eu). Cada item é constituído por duas frases descritivas – uma diz respeito à importância dada a um valor específico e a outra a um sentimento complementar relacionado com o mesmo valor (e.g., “Um homem/mulher para quem é importante ajudar os/as que o rodeiam. Preocupa-se com o bem-estar dos outros”, valor benevolência). Schwartz (2003), com base em evidências empíricas, confirmou que as duas frases de cada item medem o mesmo conceito. Os valores humanos agrupam-se, de acordo com o modelo de Schwartz, em dez valores motivacionais – universalismo (itens 3; 8; 19), benevolência (itens 12; 18), conformidade (itens 7; 16), tradição (itens 9; 20), segurança (itens 5; 14), poder (itens 2; 17), realização (itens 4; 13), hedonismo (itens 10; 21), estimulação (itens 6; 15) e autocentração (itens 1; 11), representativos dos fins que se pretendem atingir com a adesão a valores específicos, agrupados em quatro dimensões fundamentais: autotranscendência (AUTR) – universalismo, benevolência; conservação (CONSE) – conformidade, tradição, segurança; autopromoção (AUPR) – poder, realização; abertura à mudança (ABMU) – hedonismos, estimulação e autocentração. Segundo Schwartz (2011), a partir de amostras representativas de trinta e dois países, mais de 150000 pessoas já responderam a esta escala, corroborando a sua validade transcultural. A sua consistência interna é em média 0.56, variando entre 0.36 (valor tradição) e 0.70 (valor realização). Considerando as quatro dimensões de ordem superior, Schwartz (2003) a partir de dados de amostras de dois países (Reino Unido e Holanda) apresenta valores para a consistência interna a variarem entre .74 para a Autotranscendência e .81 para a Autopromoção.

### *Objetivo do estudo*

Neste estudo pretendemos analisar as características psicométricas da Escala de Valores Humanos numa amostra de professores portugueses. Embora a escala tenha sido utilizada na população portuguesa no âmbito do estudo dos valores europeus – *The European Survey Values* (Vala, Torres, & Ramos, 2006; Vala, Torres, Ramos, & Lavado, 2010) e de ser bastante utilizada em pesquisas a nível nacional, parece-nos pertinente a realização desta análise, na medida em que, no âmbito do estudo antes referido, não encontramos, em publicações nacionais, resultados da validação da escala, assim como, qualquer outro estudo psicométrico exaustivo sobre a escala para a população portuguesa. Por outro lado, em publicações internacionais, nas análises confirmatórias EMD realizadas aos dados recolhidos nas três aplicações bienais do *European Social Survey*, em 20 países europeus, que integra

o *PVQ* de 21 itens, é questionada a adaptação da escala à população portuguesa. Portugal foi um dos países que apresentou maiores desvios relativamente à sequência dos tipos de valores, ao invés, dos demais países em que se comprovou de forma muito significativa a estrutura de valores de Schwartz (Bilsky, 2009; Bilsky & Janik, 2010; Bilsky, Janik, & Schwartz, 2011), alertando os autores para a necessidade de corrigir estas anomalias estruturais.

Por fim, dada a relevância dada por diversos autores, oriundos do contexto educacional, aos valores pessoais e organizacionais como sendo parte importante da formação da identidade dos professores (e.g., Flores & Day, 2006; Malm, 2008; O'Connor, 2008; Woods & Jeffrey, 2002), a escala de Schwartz poderá ser um instrumento de natureza quantitativa muito útil para aceder ao sistema de prioridade de valores dos professores portugueses, o que justifica também o seu estudo.

Deste modo, com esta investigação pretendemos contribuir para o estudo da Escala de Valores de Schwartz, versão reduzida, analisando as suas características psicométricas utilizando para tal uma amostra de professores portugueses.

## Método

### *Participantes*

Na primeira fase, deste estudo, participaram 201 professores de dois colégios do ensino particular da região de Lisboa e Vale do Tejo – 68 do sexo masculino (33,8%) e 133 do sexo feminino (66,2%), com uma média de idades de 42 anos ( $DP=9,6$ ) e 15 anos de serviço ( $DP=8,5$ ). Quanto ao nível de ensino que lecionam: 18 (9,0 %) dos professores lecionam no ensino pré-escolar, 33 (16,4%) no 1º ciclo, 36 (17,9 %) no 2º ciclo, 55 (27,4%) no 3º ciclo e 59 (29,4%) no ensino secundário.

Na segunda fase, participaram no estudo 450 professores (32% do sexo masculino e 68% do sexo feminino), com uma média de idades de 41 anos ( $DP=9,56$ ) e 15,5 anos de serviço ( $DP=9,47$ ), distribuídos pelo território Nacional e ilha da Madeira (região Norte – 38,7%, Centro – 10,5%, Lisboa e Vale do Tejo – 44,9%, Alentejo e Algarve – 2,7%, e Madeira – 3,3%), a lecionarem no ensino básico e secundário em estabelecimentos de ensino do ensino particular e cooperativo (pré-escolar – 6,2%, 1º ciclo – 16,2%, 2º ciclo – 17,8%, 3º ciclo – 31,8% e secundário – 28%).

### *Procedimento na recolha dos dados*

Na 1ª Fase do estudo, a recolha de dados decorreu num período de oito dias, em Março de 2012, sob autorização e colaboração das direções das escolas participantes. Nestas, os coordenadores de ciclo, distribuíram 210 questionários e recolheram 201, em mão. Os professores receberam um questionário em papel, cujas instruções salientavam o facto da colaboração ser anónima.

Na recolha de dados da 2ª Fase do estudo contamos com a autorização e colaboração da Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo (AEEP) na divulgação e aplicação do questionário *on-line* aos professores das escolas que integram essa associação. Os professores responderam ao questionário alojado num *link* criado para efeito pela empresa *SURVEYGISMO*, disponível *on-line* de Dezembro a Março de 2013. Durante este período recebemos 450 questionários.

### *Instrumento*

Nesta pesquisa é utilizada a Escala de Valores Humanos (Schwartz, 2003), versão reduzida do *Portrait Values Questionnaire (PVQ)*, da qual já se fez uma descrição detalhada. Trata-se, de uma escala do tipo

“Lickert” constituída por 21 itens, que apresentam a descrição de pessoas em termos de importância de metas pessoais (e.g., valor segurança – “Um homem/mulher que dá muita importância a viver num sítio onde se sinta seguro/a. Evita tudo o que possa pôr a sua segurança em risco”. Para cada descrição, o participante deve responder o quanto aquela pessoa se parece com ela. As respostas variam de 1 (Não tem nada a ver comigo) a 6 (Exatamente com eu). A pontuação para a importância de cada valor é a média das respostas dos itens que o compõem. A pontuação da importância para cada dimensão – valores de ordem superior – resulta da média dos valores dos itens que compõem cada uma das dimensões.

## Análise dos dados

### 1ª Fase do estudo

Na primeira fase do estudo procedeu-se à avaliação das qualidades psicométricas da escala através de uma Análise Fatorial Exploratória e da análise da consistência interna.

#### *Validade – Análise Fatorial Exploratória*

Para avaliar a estrutura relacional dos itens procedeu-se a uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) sobre a matriz das correlações, com extração dos fatores pelo método das componentes principais seguidas de uma rotação oblíqua *promax*, maximizando os pesos fatoriais dos itens (Brown, 2006). Este método, segundo o mesmo autor, é a melhor escolha, quando se trata de modelos multifatoriais e em que as dimensões estão correlacionadas entre si. Para avaliar a validade da AFE utilizou-se o critério KMO com os critérios de classificação definidos em Marôco (2011). Os resultados de cada sujeito em cada um dos fatores retidos foram obtidos pelo método de *Bartlett* implementado no SPSS Statistics (v. 19). Assumiu-se, portanto, que o valor do teste de KMO fosse superior a 0.6 e o valor do teste de *Bartlett* significativo ( $p$ -value<.001).

Assim sendo, os dados obtidos, na primeira fase, permitiram proceder à Análise Fatorial Exploratória (AFE) para o modelo testado – KMO=0.76; Teste *Bartlett*  $p$ <.001, reforçado pela fatorabilidade da matriz de correlações significativas, calculadas pelo método da correlação de Pearson (Quadro 2).

A AFE, pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação oblíqua *promax*, forçando-se a análise a quatro fatores, revelou um bom ajustamento à estrutura teórica (49% da variância explicada), mau grado os problemas encontrados nos itens 11 (0.22) e 1 (0.13), com pesos fatoriais inferiores a 0.30 – na dimensão *abertura à mudança*. Adicionalmente, todas as comunalidades são elevadas, com a exceção do item 2 (.34) e item 9 (.39), demonstrando que os quatro fatores extraídos são apropriados para descrever a estrutura correlacional entre os itens.

No Quadro 1, sintetizam-se os pesos fatoriais de cada item em cada um dos três fatores, os seus valores próprios (*eigenvalues*), a comunalidade de cada item e a percentagem de variância explicada por cada fator. A análise do Quadro 1 permite constatar que o 1º factor agrupa os itens das dimensões Poder (2 e 17) e Realização (4 e 13), o 2º factor engloba os itens da Benevolência (12 e 18) e Universalismo (3, 8 e 19), no 3º factor surgem os itens da Autocentração (1 e 11), Estimulação (6 e 15) e Hedonismo (10 e 21) e, por último, no 4º factor associam-se os itens das dimensões Conformidade (7 e 16), Tradição (9 e 20) e Segurança (14 e 5).

## Quadro 1

*Análise fatorial exploratória (componentes principais com rotação oblíqua Promax) e alfas de Cronbach da escala de valores humanos de Schwartz (valores de saturação >.40)*

Itens	Comunalidades	Matriz de Estrutura			
		F1 AUPR	F2 AUTR	F3 ABMU	F4 CONSE
4	,613	,772			
13	,541	,666			
17	,470	,603			
2	,335	,542			
12	,545		,690		
8	,488		,687		
18	,455		,649		
3	,461		,606		
19	,476		,582		
15	,580			,498	
11	,411			,219	
1	,398			,131	
21	,542			,712	
6	,640			,679	
10	,417			,600	
14	,485				,346
20	,463				,342
5	,572				,700
16	,581				,685
7	,416				,558
9	,391				,539
Valor Próprio		4,580	2,482	1,902	1,334
% Variância explicada		21,807	11,724	9,059	6,352
Alfa de Cronbach		0,70	0,71	0,74	0,69

## Quadro 2

*Matriz de correlação entre os factores da escala de valores humanos de Schwartz*

Fatores	F1 AUPR	F2 AUTR	F3 ABMU	CONSE
F1 AUPR	1,00			
F2 AUTR	,044	1,00		
F3 ABMU	,487**	,392**	1,00	
F4 CONSE	,255**	,319**	,274**	1,00

Nota. \*\* $p < 0,01$ .

A análise do Quadro 2 permite evidenciar as relações positivas e fracas entre os vários factores, com excepção da relação entre os factores autopromoção e autotranscendência a qual se revela como não sendo significativa.

*Fidelidade*

A análise da consistência interna foi avaliada pelo cálculo do coeficiente *alfa* de Cronbach. Os resultados da consistência interna, que se apresentam no Quadro 1, apresentam valores aceitáveis nas dimensões autopromoção ( $\alpha=.70$ ), autotranscendência ( $\alpha=.71$ ), abertura à mudança ( $\alpha=.74$ ) e conservação ( $\alpha=.69$ ).

## 2ª Fase do estudo

Nesta segunda fase, a Escala de Valores de Schwartz foi avaliada utilizando medidas de estatísticas descritivas – média, desvio-padrão, assimetria e curtose, através de uma Análise Fatorial Confirmatória e da Consistência interna.

*Sensibilidade*

A sensibilidade dos itens foi avaliada através dos coeficientes de assimetria (Sk) e curtose (Ku).

A análise da sensibilidade dos itens mostrou que estes se situam num intervalo aceitável a uma distribuição aproximadamente normal ( $|\text{Sk}| < 3$  e  $|\text{Ku}| < 8$ ; Kline, 2011). A análise descritiva realizada nos 21 itens da Escala de Valores Humanos encontra-se no Quadro 3.

## Quadro 3

*Análise descritiva dos 21 itens da Escala de Valores de Schwartz (N=450)*

Itens	Min-Max	M	DP	Assimetria	Curtose
it1	1-6	4,55	1,07	-,592	,216
it2	1-6	1,87	,896	1,11	1,64
it3	1-6	5,39	,832	-1,72	4,13
it4	1-6	3,74	1,35	-,132	-,789
it5	1-6	4,35	1,23	-,447	-,448
it6	1-6	4,17	1,19	-,290	-,605
it7	1-6	4,35	1,22	-,554	-,117
it8	1-6	5,01	,944	-,832	,436
it9	1-6	4,77	1,11	-,846	,412
it10	1-6	4,89	1,07	-,691	-,307
it11	1-6	4,98	,995	-,986	,939
it12	1-6	5,28	,787	-1,16	2,17
it13	1-6	4,27	1,21	-,542	-,211
it14	1-6	4,64	1,22	-,769	,137
it15	1-6	3,48	1,36	,087	-,846
it16	1-6	4,41	1,16	-,612	-,046
it17	1-6	4,29	1,27	-,459	-,535
it18	1-6	5,51	,707	-1,70	4,42
it19	1-6	5,14	,969	-1,08	,815
it20	1-6	4,14	1,23	-,288	-,557
it21	1-6	4,62	1,19	-,728	-,003

*Validade – Análise Fatorial Confirmatória*

De seguida, a escala foi submetida a uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), com o método de estimação *Maximum Likelihood*, utilizado para investigar a adequação do modelo teórico aos dados empíricos, no âmbito da análise de equações estruturais (*SEM – Structural Equation Modeling*). Assim sendo, seleccionámos seis índices de qualidade de ajustamento do modelo: o  $\chi^2/\text{gl}$ , para o qual os valores inferiores a cinco podem ser interpretados como um indicativo de que o modelo teórico se ajusta aos dados; o *Goodness of Fit Index (GFI)*, que explica a proporção da variância, observada entre as variáveis manifestas, explicada pelo modelo ajustado e cujos valores inferiores a 0.90 indicam modelos com mau ajustamento aos dados e igual a 1 indicam um ajustamento perfeito; tal como para o *Comparative Fit Index (CFI)* (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 1995; Kline, 2011; Loehlin, 2004); o *Parsimony CFI (PCFI)* e *Parsimony GFI (PGFI)* para os quais se considera que valores inferiores a

0.6 indicam um mau ajustamento e valores superiores a 0.8 são indicadores de um bom ajustamento (Marôco, 2010), e o *Root Mean Square Error of Aproximation (RMSEA)* o qual deve ter valores próximos de 0. Browne and Cudeck (1993) sugerem que o valor de RMSEA deve situar-se abaixo de .08 e nunca ser superior a .10. Steiger (1989), por seu turno, afirma que valores abaixo de .10 são bons e inferiores a .05 são muito bons. No entanto, outros autores adoptam uma abordagem mais conservadora sustentando que os valores aceitáveis de RMSEA se devem situar abaixo de .05 e com um intervalo de confiança não muito grande (Raykov & Marcoulides, 2006; Shumaker & Lomax, 2004). A qualidade do ajustamento local avaliou-se tendo em consideração os pesos fatoriais e a fiabilidade individual dos itens.

Inicialmente, a AFC ao modelo da Escala de valores Humanos (Quadro 4, Modelo 1) revelou uma qualidade de ajustamento sofrível ( $\chi^2/df=3.045$ ; CFI=0.889; GFI=0.899; PCFI=0.724; PGFI=0.899; RMSEA=0.067,  $p[.061, .074]$ ), mesmo depois de correlacionados os erros de medida dos itens 1, 2, 3, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18 e 21, distribuídos pelas quatro dimensões. Mau grado, todos os itens apresentassem pesos fatoriais elevados ( $\lambda \geq .50$ ), o que, segundo Kline (2011), revela associações elevadas desses itens às dimensões respectivas, com exceção do item 9 (.33), item 2 (.40) e item 7 (.48).

Após a remoção do item 9, item com mais fraca saturação fatorial, procedeu-se a uma nova análise (Quadro 4 – Modelo 2). Foi assim possível obter uma boa qualidade de ajustamento ( $\chi^2/df=2.913$ ; CFI=0.904; GFI=0.909; PCFI=0.728; PGFI=0.662; RMSEA=0.065,  $p[.058, .072]$ ), suportando a validade fatorial do modelo testado. Este modelo final da Escala de Valores Humanos (Modelo 2), constituída por 20 itens e quatro dimensões, pode ser observado na Figura 2.

#### Quadro 4

##### *Índices de Adequação (AFC)*

	$\chi^2$	<i>df</i>	CMIN/DF	CFI	GFI	PCFI	PGFI	RMSEA
Modelo 1 <sup>***</sup>	520,7	171	3,045	.889	.899	.724	.666	.067 <sup>a</sup>
Modelo 2 <sup>***</sup>	449,4	153	2,913	.904	.909	.728	.662	.065 <sup>b</sup>

Nota. <sup>\*\*\*</sup>  $p < .001$ ; <sup>a</sup>  $p[.061, .074]$ ; <sup>b</sup>  $p[.058, .072]$ .

A análise da Figura 2 permite constatar que a maioria dos itens apresenta pesos fatoriais aceitáveis, com valores superiores a .50, incluindo os itens 1 e 11 que tinham revelado pesos fatoriais demasiado baixos no 1º estudo. Permite igualmente evidenciar a existência de relações fortes entre os fatores Autotranscendência e Abertura à Mudança, Abertura à Mudança e Autopromoção, Autopromoção e Conservação; de relações moderadas entre as dimensões Autotranscendência e Conservação e entre Conservação e Abertura à Mudança; e, por último, uma relação fraca entre a dimensão Autotranscendência e Autopromoção.

##### *Fidelidade*

A consistência interna, estimada pelo método de *Alpha de Cronbach*, ao modelo final da Escala de Valores revelou uma fiabilidade bastante satisfatória, tendo-se obtido nas quatro dimensões da escala os seguintes valores: autotranscendência  $\alpha=.80$ ; conservação  $\alpha=.73$ ; autopromoção  $\alpha=.73$ ; abertura à mudança  $\alpha=.79$ .

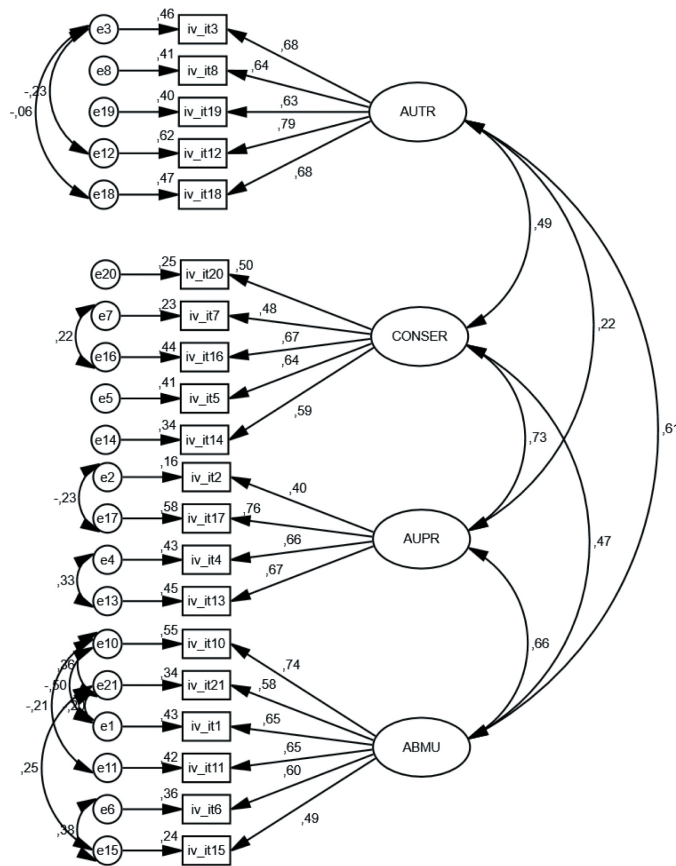


Figura 2. Representação do modelo final da Escala de Valores Humanos de Schwartz  
 Legenda: AUTR – Autotranscendência; CONSER – Conservação; AUPR – Autopromoção; ABMU – Abertura à Mudança

### Considerações finais

Este estudo teve como principal objetivo o estudo das qualidades psicométricas da Escala de Valores Humanos de Schwartz em professores. Os dados apresentados sugerem que esta escala apresenta boas qualidades psicométricas. Em primeiro lugar, e de acordo com o modelo teórico de valores humanos de Schwartz (1992, 1994), a estrutura proposta de quatro dimensões é corroborada pelos dados resultantes da AFE e confirmada pelos dados obtidos na AFC, na medida em que estas revelaram um bom ajustamento dos dados à estrutura teórica testada. Deste modo, os resultados apresentados sugerem que os 10 valores avaliados através do *Portrait Values Scale* – versão reduzida, são adequadamente representados pelas dimensões Autotranscendência, Autopromoção, Conservação e Abertura à Mudança. Este resultado é particularmente interessante, na medida em que foi obtido através de análises fatoriais exploratórias e confirmatórias, o que não sucede com a maioria dos estudos sobre a validação do modelo de valores humanos proposto por Schwartz, que recorrem preferencialmente ao Escalonamento Multidimensional (MDS) (Bilsky, 2009; Bilsky & Janik, 2010; Bilsky, Janik, & Schwartz, 2011; de Campos & Porto, 2010). Os únicos estudos (Schwartz & Boehnke, 2004; Vecchione, Casconi, & Barbaranelli, 2009), que no nosso conhecimento, recorreram a análises fatoriais confirmatórias para

testar o modelo proposto por Schwartz, tiveram por base o *Schwartz Value Survey* com 57 itens e o *Portrait Value Scale* com 40 itens, respectivamente, e não a versão reduzida da *Portrait Value Scale* com 21 itens, como sucedeu no presente caso. Assim, os resultados apresentados sugerem que esta versão da escala representa adequadamente os 10 valores propostos por Schwartz agregando-os nas quatro dimensões fundamentais postuladas – autotranscendência, autopromoção, conservação e abertura à mudança.

Por outro lado, o estudo não permitiu evidenciar o pressuposto teórico da bipolaridade, o qual pressupunha que encontrássemos uma covariância negativa entre as dimensões/factores que se constituem em pólos opostos – *autotranscendência vs. autopromoção* e *conservação vs. abertura à mudança*, ou, pelo menos, a ausência de relação entre estas dimensões (Schwartz & Boehnke, 2004). De acordo com Schwartz e Boehnke (2004), a correlação média entre factores/dimensões opostos foi de .08 e de .68 para factores/dimensões adjacentes. No presente estudo, se bem que a associação entre autotranscendência *vs.* autopromoção e conservação *vs.* abertura à mudança sejam as correlações mais fracas de entre as correlações entre os vários factores, na análise factorial confirmatória, os valores de correlação apresentados são substancialmente superiores aos do estudo de Schwartz e Boehnke (2004). Já relativamente às dimensões adjacentes, com excepção do par autotranscendência/conservação, os valores aproximam-se bastante dos apresentados por aqueles autores. Estes resultados sugerem que a organização dos valores nas quatro dimensões agregadoras pode não resultar propriamente de uma oposição entre estes, ou pelo menos de uma clara oposição. Por outro lado, o facto de os participantes deste estudo serem exclusivamente professores pode ajudar a explicar estes resultados. Sendo um grupo profissional frequentemente confrontado com a necessidade de mudança e simultaneamente responsável pela transmissão dos valores vigentes pode levar a uma menor oposição entre os valores de conservação e abertura à mudança, permitindo, deste modo, explicar a relação moderada entre estas duas dimensões. O trabalho recente de Steinmetz, Isidor e Baeuerle (2012) fornece algum suporte a esta hipótese ao sugerir diferentes organizações dos valores em função de diferenças culturais, sociais e/ou etárias. Futuras investigações com esta escala, noutros grupos sócio-profissionais, poderão ajudar a esclarecer esta questão.

Apesar de globalmente, os resultados apresentados sustentarem a validade factorial da PVS (versão reduzida), um dos itens utilizados (item 9) revelou-se problemático, comprometendo a organização estrutural dos valores nas 4 dimensões, pelo que optámos pela sua eliminação. Este item, pertence ao valor Tradição o qual se tem revelado, noutros estudos (Sagiv & Schwartz, 2000; Schwartz, 2003), como aquele que apresenta valores mais baixos para a fidelidade, sugerindo uma menor consistência entre os itens que o compõem. Deste modo, e como forma de potenciar a utilização da Escala de Valores Humanos, sugere-se a inclusão de outros itens utilizados para avaliar este valor na versão completa da escala (e.g., “*He thinks it’s important not to ask for more than what you have. He believes that people should be satisfied with what they have.*”)

Em síntese, os resultados obtidos no modelo testado da Escala de Valores Humanos, revelaram índices satisfatórios de validade factorial e fiabilidade, sugerindo a sua adequação na utilização com professores portugueses. Pode, por isso, ser utilizada com alguma margem de confiança para aceder ao sistema de prioridade de valores humanos dos professores, tendo como suporte a teoria de valores humanos de S. Schwartz (1992, 1994, 2003, 2005; Schwartz et al., 2012).

Por fim, e como próximos desenvolvimentos para este estudo, sugerem-se outras pesquisas que tenham como finalidade, por um lado, a verificação do pressuposto da teoria de valores de Schwartz que não foi totalmente confirmado neste estudo, nomeadamente o antagonismo entre as dimensões *autotranscendência vs. autopromoção* e *conservação vs. abertura à mudança*. Por outro lado, o testar da estrutura circular dos valores humanos através de outro tipo de técnicas estatísticas confirmatórias mais adequadas a esse objectivo e a necessidade de avaliar a estabilidade temporal e validade externa da Escala de Valores Humanos são outros possíveis desenvolvimentos.

**Anexo 1***Escala de Valores Humanos (Schwartz, 2003)*

## Itens

- 
1. Um homem/mulher que dá importância a ter novas ideias e ser criativo/a. Gosta de fazer as coisas à sua maneira.
  2. Um homem/mulher para quem é importante ser rico/a. Quer ter muito dinheiro e coisas caras.
  3. Um homem/mulher que acha importante que todas as pessoas no mundo sejam tratadas igualmente. Acredita que todos devem ter as mesmas oportunidades na vida.
  4. Um homem/mulher que dá muita importância a poder mostrar as suas capacidades. Quer que as pessoas admirem o que faz.
  5. Um homem/mulher que dá muita importância a viver num sítio onde se sinta seguro/a. Evita tudo o que possa por a sua segurança em risco.
  6. Um homem/mulher que gosta de surpresas e está sempre à procura de coisas novas para fazer. Acha que é importante fazer muitas coisas diferentes na vida.
  7. Um homem/mulher que acha que as pessoas devem fazer o que lhes mandam. Acha que as pessoas devem cumprir sempre as regras mesmo quando ninguém está a ver.
  8. Um homem/mulher para quem é importante ouvir pessoas diferentes de si. Mesmo quando discorda de alguém continua a querer compreender essa pessoa.
  9. Um homem/mulher para quem é importante ser humilde e modesto/a. Tenta não chamar as atenções sobre si.
  10. Um homem/mulher para quem é importante passar bons momentos. Gosta de tratar bem de si.
  11. Um homem/mulher para quem é importante tomar as suas próprias decisões sobre o que faz. Gosta de ser livre e não estar dependente dos outros.
  12. Um homem/mulher para quem é importante ajudar os que o/a rodeiam. Preocupa-se com o bem-estar dos outros.
  13. Um homem/mulher para quem é importante ter sucesso. Gosta de receber o reconhecimento dos outros.
  14. Um homem/mulher para quem é importante que o Governo garanta a sua segurança, contra todas as ameaças. Quer que o estado seja forte, de modo a poder defender os cidadãos.
  15. Um homem/mulher que procura a aventura e gosta de correr riscos. Quer ter uma vida emocionante.
  16. Um homem/mulher para quem é importante portar-se sempre como deve ser. Evita fazer coisas que os outros digam que é errado.
  17. Um homem/mulher para quem é importante que os outros lhe tenham respeito. Quer que as pessoas façam o que ele/ela diz.
  18. Um homem/mulher para quem é importante ser leal com os amigos. Dedicar-se às pessoas que lhe são próximas.
  19. Um homem/mulher que acredita seriamente que as pessoas devem proteger a natureza. Proteger o ambiente é importante para ele/ela.
  20. Um homem/mulher que dá importância à tradição. Faz tudo o que pode para agir de acordo com a sua religião e a sua família.
  21. Um homem/mulher que procura aproveitar todas as oportunidades para se divertir. É importante para ele/ela fazer coisas que lhe dão prazer.
- 

**Referências**

- Allport, G. W., Philip, E. V., & Gardner, A. L. (1960). *A study of values*. Boston: Houghton Mifflin.
- Bilsky, W. (2009). The structure of values: Its stability across instruments, theories, age, and cultures. *Revista de Administração Mackenzie*, 10, 12-33.
- Bilsky, W., & Janik, M. (2010). *The structural organization of human values-evidence from the European Social Survey (ESS)*. (Research report 33 – updated version). Recuperado de Institut für Psychologie, Münster, [http://miami.uni-muenster.de/servlets/DerivateServlet/Derivate-6472/Bilsky\\_Janik\\_2010\\_structural-organization.pdf](http://miami.uni-muenster.de/servlets/DerivateServlet/Derivate-6472/Bilsky_Janik_2010_structural-organization.pdf)

- Bilsky, W., Janik, M., & Schwartz, S. H. (2011). The structural organization of human values-Evidence from three rounds of the European Social Survey (ESS). *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *42*, 759-776.
- Brown, T. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.
- Browne, M. W., & Cudeck, R. (1993). Alternative ways of assessing model fit. In K. A. Bollen & J. S. Long (Eds.), *Testing structural equation models* (pp. 136-162). Newbury Park, CA: Sage.
- Corey, G., Corey, M. S., & Callahan, P. (2003). *Issues and ethics in the helping professions* (6th ed.). Pacific Grove, CA: Brooks/Cole.
- Davidov, E., Schmidt, P., & Schwartz, S. H. (2008). Bring values back in the adequacy of the European Social Survey to measure values in 20 countries. *Public Opinion Quarterly*, *3*, 420-445.
- de Campos, C., & Porto, J. (2010). Escala de Valores Pessoais: Validação da versão reduzida em amostra de trabalhadores brasileiros. *Psico*, *41*, 208-213.
- Flores, M. A., & Day, C. (2006). Contexts which shape and reshape new teachers identities: A multiperspective study. *Teaching and Teacher Education*, *22*, 219-232.
- Hair, J. F., Jr., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (1995). *Multivariate data analysis with readings* (4th ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall International.
- Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling* (3rd ed.). New York: Guilford Press.
- Levy, S., & Guttman, L. (1974). *Values and attitudes of Israeli high school youth*. Jerusalem: Institute of Applied Social Research.
- Loehlin, J. C. (2004). *Latent variable models: An introduction to factor, path and structural analysis* (4th ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Malm, B. (2008). Authenticity in teachers' lives and work: Some philosophical and empirical considerations. *Scandinavian Journal of Educational Research*, *52*, 373-386.
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais. Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber – Análise e Gestão de Informação, Lda.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. Lisboa: Edições Silabo Lda.
- Maslow, A. H. (Ed.). (1959). *New knowledge of human values*. New York: Harper.
- O'Connor, K.E. (2008). 'You choose to care': Teachers, emotions and professional identity. *Teaching and Teacher Education*, *24*, 117-126.
- Raykov, T., & Marcoulides, G. A. (2006). *A first course in structural equation modeling* (2nd ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Sagiv, L., & Schwartz, S. (2000). Value priorities and subjective well-being: Direct relations and congruence effects. *European Journal of Social Psychology*, *30*, 177-198.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna. (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (pp. 1-65). Orlando, FL: Academic Press.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the content and structure of values? *Journal of Social Issues*, *50*, 19-45.
- Schwartz, S. H. (2003). A proposal for measuring value orientations across nations. In *Questionnaire Development Package of the European Social Survey* (chapter 7, pp. 259-319).

[http://www.europeansocialsurvey.org/index.php?option\\_com\\_docman&task\\_doc\\_view&gid\\_126&Itemid\\_80](http://www.europeansocialsurvey.org/index.php?option_com_docman&task_doc_view&gid_126&Itemid_80)

- Schwartz, S. H. (2005). Basic human values: Their content and structure across countries. In A. Tamayo & J. B. Porto (Eds.), *Valores e comportamento nas organizações* [Values and behavior in organizations] (pp. 21-55). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Schwartz, S. H. (2006a). Há aspectos universais na estrutura e no conteúdo dos valores humanos? In M. Ross & V. V. Gouveia (Eds.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 55-85). São Paulo: Editora Senac.
- Schwartz, S. H. (2006b). Basic human values: Theory, measurement, and applications. *Revue française de sociologie*, 47, 249-288.
- Schwartz, S. H. (2011). Studying values: Personal adventure, future directions. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42, 307-319.
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward a psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 550-562.
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extension and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 878-891.
- Schwartz, S. H., & Boehnke, K. (2004). Evaluating the structure of human values with confirmatory factor analysis. *Journal of Research in Personality*, 38, 230-255.
- Schwartz, S. H., & Sagiv, L. (1995). Identifying culture-specifics in the content and structure of values. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 26, 92-116.
- Schwartz, S. H., Melech, G., Lehmann, A., Burgess, S., Harris, M., & Owens, V. (2001). Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human values with a different method of measurement. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 519-542.
- Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., ..., & Konty, M. (2012). Refining the theory of basic individual values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103, 663-688. doi:10.1037/a0029393
- Shumacker, R. E., & Lomax, R. G. (2004). *A beginner's guide to structural equation modeling* (2nd ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Steiger, J. H. (1989). *EzPATH: Causal modeling*. Evanston, IL: Systat.
- Steinmetz, H., Isidor, R., & Baeuerle, N. (2012). Testing the circular structure of human values: A meta-analytical structural equation modelling approach. *Survey Research Methods*, 6, 61-75.
- Vala, J., Torres, A., & Ramos, A. (2006). *Inquérito social europeu – Resultados globais*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Vala, J., Torres, A., Ramos, A., & Lavado, S. (2010). *Inquérito social europeu – Resultados globais comparativos*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Vecchione, M., Casconi, T., & Barbaranelli, C. (2009). Assessing the circular structure of the portrait values questionnaire. *European Journal of Psychological*, 25, 231-238.
- Woods, P., & Jeffrey, B. (2002). The reconstruction of primary teachers' identities. *British Journal of Sociology of Education*, 23, 89-106.